

“Mais realistas...”

por Patricia Sabola
de São Paulo

(Continuação da 1ª página)
e juros continuam altíssimas; os próprios bancos não agüentam; e não agüentam porque a demanda real minguou.

Maria da Conceição Tavares volta à questão do encilhamento, escoadouro do atual estado de coisas se o governo continuar no “stop and go”, lançando títulos no mercado aberto para assegurar a liquidez. Enquanto isso, as taxas continuam a subir.

Na realidade, diz ela, a liquidez está fora de controle — simplesmente porque, a continuar-se a ultrapassar as metas com o FMI, exportando mais e tendo um “brutal” superávit fiscal para enxugar a dívida, não há como controlá-la. A não ser, repisa, via aumento de consumo: “De que adianta alguém produzir mais eletrodomésticos, se ninguém quer crédito e não tem dinheiro para comprar?”

O descontrole monetário é grave, segundo ela, a política monetária confusa. “Por que não se termina de uma vez com a Resolução nº 432, não se desdolariza a economia? Por que se usam recursos fiscais para enxugar títulos de merca-

do? Isso não existe em nenhum lugar do mundo”, enfatiza a economista. Além de um superávit comercial, teremos até superávit operacional — ou seja, o governo foi “mais realista que o rei e não só cortou o déficit como foi além”. Mas nada disso vai funcionar, devido, essencialmente, ao nó górdio do monetarismo. E a feitura desse nó ela atribui à política do então ministro Mário Henrique Simonsen, o que deságua no encilhamento.

Quem já deixou para trás o monetarismo — “e isto até os banqueiros estão fazendo” — já viu que uma injeção de demanda não só traria uma recuperação real da economia como também uma queda da inflação. Se há uma folga a nível macro, sua receita é mudar as políticas fiscal e financeira — sem isso não há folga real, a não ser aquela gerada pelas exportações. Mas nenhuma saída é fácil, reconhece — nem econômica nem política.



CINEFOTODUAGRAFIA

Economista
Brasil

Maria da Conceição
Tavares

14 MAI 1984

“Mais realistas que o rei”

por Patricia Sabola
de São Paulo

“Foi exatamente porque o governo segurou a demanda que a base monetária estourou. O governo fez uma brutal sucção da renda, desempregou demais, parou de investir, jogou para cima as exportações e lá para baixo as importações. Não houve recuperação efetiva e sim ilusória, porque o governo arrouchou demais. Se tivesse injetado um pouquinho de demanda efetiva real, isto é, se não fosse pelo nó cego do monetarismo, haveria recuperação, a base não teria estourado e a inflação podia cair.” O diagnóstico é da economista Maria da Conceição Tavares, que disse sexta-feira a este jornal que “tudo seria diferente se tivéssemos derrotado em outubro os projetos salarial e fiscal”, gerando demanda.

Sua tese é clara: não há demanda de crédito, logo os bancos estão com excesso de liquidez mas não podem emprestar; há uma folga a nível macro, folga esta gerada pelas exportações mas “impraticável”, porque a oferta de moeda está fora de controle. Se houvesse demanda de consumo, tudo bem; como não há, mesmo que o governo renegocie a meta monetária com o FMI a liquidez continuará fora de controle, acelerando o encilhamento.

Ela insiste em que, se o nó da prática monetarista não for desatado, o governo vai arrouchar de novo e o setor interno vai ser ainda mais penalizado. Isto porque o governo está com excesso de liquidez mas vai querer cumprir as metas acertadas, sem expandir a economia. De outro lado, também não adianta soltar se continuar preso às leis monetaristas: como as empresas não investem, ninguém tem dinheiro, as taxas

(Continua na página 3)